



Director literario:

António de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luís de Almeida
PAPUSSE

Dom Ambrósio Malaquias

POR DULCÍDIO DA CUNHA

— DUMA ANEDÓTA —



D. Ambrósio Malaquias
Da Ventura Formosinho,
Passava todos os dias
A beber copos com vinho.



A' secretária sentado,
Quando tinha que fazer,
Com a garrafinha ao lado,
Estava sempre a beber.



Mas um dia o Formozinho,
Contente, muito lampeiro,
Julgando beber o vinho
Vazou dum trago o tinteiro.



Acode então D. Ester
Que não se fez esperar,
Saindo à pressa, a correr,
Indo o médico chamar.

Chega, pois, o Dr. Braga
Que receita e diz então:
— Vá pela farmácia e traga
Hóstias de mata-borrão.



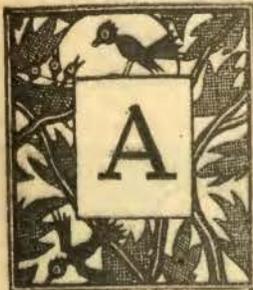
OS CIGANOS

NOVELA INFANTIL

POR JOAO DA SELVA

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)



S três pessoas reais despediram-se, pois, do príncipe, agradecendo-lhe afectuosamente tudo quanto elle fizera para e sua libertação e a rainha disse:

— Príncipe generoso, desejo tanto do coração a tua felicidade como desejei aquelle mau fado ao rei, teu pai, a quem agora perdôo de melhor vontade ainda. Quando elle acordar esta manhã, sentir-se-há livre das visões que o atormentavam e tão sadio de es-

pirito e de corpo, como era dantes.

O príncipe beijou a mão da rainha e da princesa, abraçou o rei cigano e a todos disse adeus com verdadeiro affecto

e saudade, vendo-os logo em seguida desaparecer, graças ao poder mágico dos aneis.

Era já quasi manhã e quando recolheu ao palácio não quiz deitar-se nem descansar sem ver já levantados seus pais para lhes dar a boa noticia da cura.

A rainha chorou de alegria ao ouvir da sua boca aquella maravilhosa história e o rei, quando se viu curado, envergonhou-se de ter sido tão cruel e injusto para quem só recebera ofensas que agora generosamente perdoava.

O seu reconhecimento foi tal, que quando o filho lhe perguntou se consentiria no casamento com a princesa cigana, respondeu que da melhor vontade a aceitaria por nora, logo que fôsse baptisada e se desfizessem, da parte do pai dela, os obstáculos que elle opunha. Então o príncipe decidiu-se a ir ao reino cigano tentar, mais uma vez, obter a mão da princesa e partiu quando terminaram os grandes festejos da cidade em honra do restabelecimento do rei.





CAPITULO V

RAPTO DA PRINCESA CIGANA

Quando o príncipe chegou ao país cigano, achou este já habitado pelo povo que, ao saber da libertação do seu rei, acorrera em bandos de todas as partes do mundo. Na capital preparavam-se esplêndidas festas em honra d'este acontecimento, assim como para celebrar brevemente o casamento da princesa com seu primo e futuro rei.

Na corte reinava o maior regosijo e entusiasmo, excepto por parte da noiva que se considerava infeliz por se ver obrigada a casar com um homem de quem não gostava.

Apesar de todos estes preparativos, o príncipe cristão renovou o seu pedido ao rei, afirmando-lhe que, da parte d'ê seus pais, nenhum obstáculo existia; mas o pai da princesa repetiu o que já respondera: a sua palavra estava dada ao noivo que êle próprio escolhera e, quando mesmo assim não fôsse, a felicidade da sua pátria não lhe consentiria casar a filha com um estrangeiro.

A rainha, porém, vendo a princesa cada vez mais triste ao aproximar-se o dia do sacrificio, pediu ao marido que attendesse antes de tudo à boa sorte dela e quebrasse, se tanto fôsse preciso, a palavra dada ao sobrinho. Enquanto às desgraças preditas ao povo pela profecia, não se lhe devia ligar a menor importância; em primeiro logar estava o futuro da sua querida filha para quem os poucos anos já vividos correram tão atribulados na sua profissão de bailarina ambulante, terminados no encanto do lago, maior sacrificio ainda. Para o príncipe seu sobrinho, que continuava sendo o herdeiro, outra princesa cigana se encontraria capaz de o fazer esquecer a primeira noiva.

Emfim, tantos pedidos fez a rainha e tantos mais lhe juntou a princesa abraçada a sua mãe, que o rei se deixou enternecer e combinou com elas e com o pretendente cristão o seguinte plano: Como não podia quebrar a sua palavra real nem atraiçoar o povo, não dava a mão da filha ao seu salvador; mas consentia que este a raptasse sem lhe estorvar os passos, fingindo não saber de nada. Assim evitaria conflitos com o sobrinho, e com os seus súbditos tão fieis e dedicados.

Na véspera do dia marcado para o casamento, o príncipe cristão fugiu pois com a princesa, cigana protegidos ambos pela escuridão da noite e disfarçados em camponeses. Para protecção mais eficaz, levaram também os fugitivos três saquinhos de areia que a rainha lhes entregou à despedida, explicando-lhes o uso que d'êles haviam de fazer, no caso

de serem perseguidos pelos soldados, quando se descobrisse a sua fuga.

Durante três dias e três noites, viajaram os noivos a cavallo, sem lhes succeder nada de notável; mas ao anoitecer do terceiro dia, viu a princesa muitos cavaleiros ao longe que pareciam vir em sua perseguição.

Deixou-os aproximar e, quando viu que eram realmente soldados encarregados de a prender abriu os saquinhos e lançou a areia que vinha dentro em direcção à tropa. Cada grãozinho transformou-se num cão de fila e essa espantosa matilha, atacando os soldados, obrigou-os a retroceder.

Assim ganharam os fugitivos uma grande dianteira e durante alguns dias não foram importunados.

Quando atravessavam, porém, umã floresta, ouviram, ao longe, um trópel de cavalos e em breve avistaram soldados de cavalaria em sua perseguição.

A princesa, antes que se aproximassem mais e por desejar poupar-lhes a vida, lançou novo saquinho de areia para trás das costas e cada grãozinho se transformou num facho acêso que incendiou a parte do arvoredo já percorrida.

Os soldados puderam fugir a tempo aos perigos do incêndio, mas perderam tanto tempo a rodeá-lo, e a procurar, por caminhos diferentes, os viajantes, que estes ganharam mais alguns dias e aproximaram-se muito da fronteira do reino cigano.

Quando se achavam quasi lá, viram-se de novo perseguidos, e, desta vez, por vários lados ao mesmo tempo.

A princesa lançou, para trás de si, o último saquinho de areia que, transformando-se num vasto lago, não chegou a afogar as tropas reais, mas obrigou-as a retroceder.

Brevemente os fugitivos chegaram àquele país cristão onde o rei estivera prisioneiro e as leis proibiam a entrada a ciganos.

O príncipe facilmente penetrou, fazendo passar por sua mulher a princesa cigana, conquanto que os seus perseguidores, detidos na fronteira, lhes perderam inteiramente a pista, deixando continuar aos noivos a sua viagem em perfeita segurança e com a rapidez e comodidade que lhes proporcionavam as suas algibeiras recheadas de dinheiro.

Em pouco tempo chegaram à pátria do príncipe aonde lhes foi feita, por parte dos pais e de toda a gente, uma recepção entusiástica.

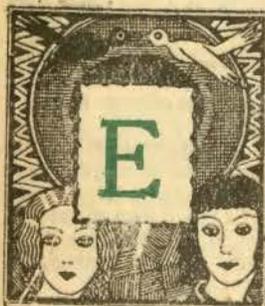
O baptismo e o casamento da princesa realisaram-se com grande pompa, ficando os felizes noivos habitando um palácio vizinho daquele onde viviam seus pais e sogros.

(Continua na página 7)



MOIRAS ENCANTADAS

Por João da Selva
 :: Desenhos de Ed. Malta ::



ERA uma vez um negociante muito rico que tinha uma filhinha ainda pequena, orfã de mãe desde o seu nascimento.

Não sabendo a quem confiar a criança quando os seus negócios o prendessem fóra, o viuvo resolveu casar outra vez, pensando que a sua segunda mulher se afeiçoasse à enteada e a tratasse com carinho.

A princípio assim sucedeu e a madrasta mostrou-se meiga e cuidadosa com a criança,

mas quando, passado algum tempo, lhe veio uma pequenina, começou a detestar a enteada e a desejar que ela desaparecesse de qualquer maneira.

Diante do marido fingia, para com a pobre pequena, os maiores cuidados e ternuras, mas lá por dentro, votava-lhe um ódio cada vez mais forte.

Um dia, na véspera duma grande viagem, o negociante resolveu fazer o seu testamento e, como tinha confiança na mulher, disse-lhe francamente como repartia os seus bens: deixava metade à sua primeira filha e a outra metade à segunda.

A mulher fingiu aprovar estas disposições, mas lá no seu íntimo indignou-se por não conseguir que o marido favorecesse a pequena mais nova à custa da mais velha, a pretexto de que esta herdara a fortuna importante de sua própria mãe e logo jurou vir a ser a perdição da enteada, tão depressa se encontrasse sózinha.

Quando o marido partiu, chamou uma criada velha que fóra sua ama e perguntou-lhe se ela estava disposta a fazer desaparecer a criança, a tróco duma forte quantia de dinheiro.

A princípio a mulherzinha não queria encarregar-se desta patifaria, mas por fim resolveu-se, em parte devido à ambição, em parte por afecto para com a patrão.

O plano da malvada mulher era bastante simples: a ama levava a criança para a sua terra, muito distante dali, e fazia-a lá passar por sua neta. Quando o pai voltasse, contava-se-lhe que uns ciganos roubaram a filha andando ela a passear com a criada e que esta, por desespero, fugira para a terra e se matára lá.

Assim aconteceu.

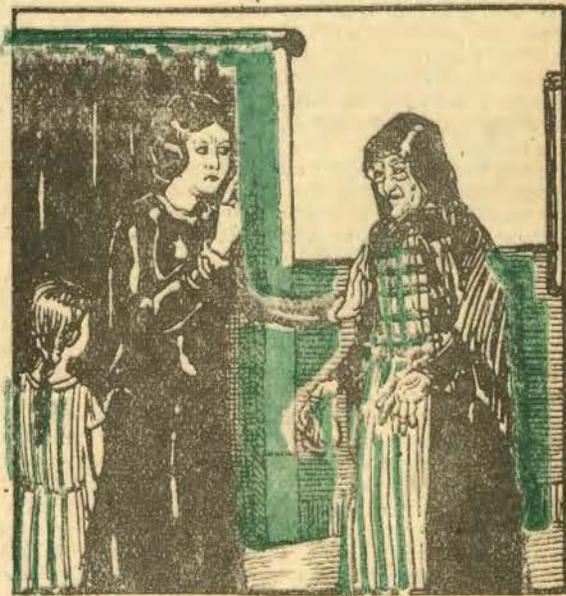
Ao chegar a casa, o pobre homem ficou quasi louco de aflicção quando ouviu contar esta falsa história, mas nem

por sombras suspeitou de sua mulher, vendo que ela mostrava quasi tanta pena como elle próprio; unicamente lhe censurou a sua falta de vigilância.

Como era muito rico, prometeu grandes prémios a quem lhe descobrisse os ciganos que lhe roubaram a filha, mas como tais ciganos não existiam, ninguém, é claro, lhe soube dar conta deles e o desgraçado pai cada vez se afeiçoou mais à filha que lhe restava, consolação única das suas saudades.

A mulher procurava também consolá-lo, dizendo-lhe que, mais tarde ou mais cedo, os ladrões seriam presos, e assim se descobriria o paradeiro da criança; mas o tempo foi passando e o pobre pai, na sua tristeza, nem queria que lhe falassem em esperanças.

Ora enquanto o negociante se ralava de saudades e a



malvada mulher se regosijava com o bom resultado do seu crime, a pobre pequena fóra levada para muito longe e vivia agora na companhia da velha, numa remota aldeia perdida entre montes e pinheirais.



Não era maltratada mas, como vivera sempre, até então, rodeada de luxos e de mimos do pai, estranhava deveras ver-se obrigada a trabalhar como as pequenas camponesas e achar-se numa casinha pobre.

A velha ordenara-lhe que lhe chamasse avó e proibira-a de contar a ninguém donde viera nem de quem era filha, mas, para a contentar, prometera-lhe que seu pai voltaria brevemente e a levaria de novo para a grande cidade onde sempre vivera.

A pobre pequena umas vezes acreditava, outras não, as histórias da velha, e todos os dias lá ia para os montes guardar um rebanho de ovelhas que a sua suposta avó, comprara com parte do dinheiro dado pela malvada madrastra.

Entre êsses montes havia um escuro vale onde se viam três grandes penedos, sítio que todos os outros pastores evitavam por constar que apareciam lá três moiras encantadas.

Alguns que espreitavam de longe, afirmavam tê-las visto ao anoitecer, outros falavam de luzes muito brancas, brilhando dentro das rochas e a pequenita, acreditando êstes dizeres, não se dirigia nunca para aqueles lados. Uma vez sôzinha, outras na companhia das crianças da aldeia, lá ia guardando as suas ovelhinhas sem se afastar muito de casa com receio de se aventurar em paragens desconhecidas.

Todos os dias a velha lhe entregava uma roça cheia de lã, e lhe ralhava se ela lha não levasse fiada ao fim do dia.

Ora numa tarde muito bonita de outono, a pequena divertiu-se a apanhar pinhões e a fazer corôas com flores do monte e deixou fugir o rebanho justamente para os lados que a pastora queria evitar. Para maior aflição, o sol estava quási a pôr-se e a maçaroca de lã ainda menos de meia.

Muito inquieta, a pequena correu atrás das ovelhas, mas, quanto mais ela corria, mais os animais fugiam para o vale sombrio dos penedos encantados.

Por fim foram juntar-se todos, mesmo ao fundo, no sítio mais escuro, quando o sol acabava de se pôr.

A criança vendo-se tão longe de casa, àquela hora tardia, e com a sua tarefa por acabar, sentiu-se aflitíssima, mas nem se lembrou de ter medo das moiras. Foi, ficou, enquanto via, e, quando de todo escureceu, apareceram luzinhas dentro dos três penedos, que se tornaram transparentes como se fossem grandes globos de vidro. No interior das rochas, três

senhoras lindas, com vestidos bordados a ouro e a pedrarias, faziam sinal à pequena para que se aproximasse e sorriam-lhe com muita bondade.

A pastorinha sobressaltou-se o mais possível quando viu iluminarem-se os penedos, mas achou aquelas senhoras tão bonitas que não teve medo nenhum delas e aproximou-se da que lhe ficava mais a geito. No penedo abriu-se uma porta que também parecia de vidro, e a sua habitante veio ao encontro da pequena.

— Eu sei porque tu choras, — disse-lhe ela numa voz muito meiga — mas não te apoquentes, que tudo se há-de arranjar. As moiras são boas para quem lhes não tem medo.

E pronunciando estas palavras, a linda senhora entregou à criança um precioso fuso de marfim com uma maçaroca de seda.

— Toma, — continuou ela; — mas não digas a ninguém que nos viste. Se te preguntarem como arranjaste essa maçaroca, responde que a encontraste no mato.

A pequena ficou contentíssima e agradeceu à moira o precioso presente.

Dentro dos penedos transparentes e iluminados estavam juntas as maiores riquezas: eram meadas de prata e de ouro pendendo das paredes, taças cheias de pedrarias das mais variadas cores poisadas sobre o chão, vestidos de seda bordados dentro de arcas meio abertas, tudo mais rico e mais bonito do que no luxuoso palácio de seu pai.

— Achas bonita a minha casa? — perguntou a moira, vendo os olhos admirados da pequena. — É bonita é, mas vivo nela muito triste porque já não tenho pai nem mãe e estou longe da terra para onde fugiu a minha raça. O que me vale, é a companhia das minhas duas irmãs.

— Eu também já não tenho mãe, — respondeu a pequenita, — e o meu pai deixou-me entregue a uma estranha. — Mas, mal acabou de dizer estas palavras, lembrou-se das proibições da velha e calou-se, muito aflita.

A moira, que tudo adivinhava, disse-lhe com muita bondade:

— Não tenhas medo, filha. Eu sei tudo e hei de ajudar-te. Toca çom êsse fuso numa das tuas ovelhas e verás enquanto aparece em casa com o teu rebanho todo.

A pastora assim fez e apareceu, de repente, ao pé da ca-

zinha pobre onde vivia com a velha. Esta veio à porta e, vendo que era tão tarde, começou a ralhar com a suposta neta, mas quando deu com os olhos na maçaroca de seda, ficou pasmada. A de lá não estava pronta, mas aquela compensava bem a sua falta.

— Onde achaste uma coisa tão rica? perguntou.

— Achei-a no mato, entre as pedras, — respondeu a pequena.

A mulherzinha, que era muito ambiciosa, nem quiz saber se isto podia ou não, ser verdade. Arrecadou o fuso de marfim com a bela maçaroca de seda com tenção de vender tudo no próximo mercado, e até deu melhor ceia à pequena.

No dia seguinte a pastorinha saiu de casa mais alegre, na esperança de tornar a ver as suas amigas moiras. O vale em volta dos penedos tinha melhores pastagens pela razão de não ir para lá nenhum outro pastor com o seu rebanho, e todo o dia as ovelhinhas da velha comeram com fartura enquanto a pequena fiava activamente e comia o farnel que levava.

Mal se pôs o sol e caiu a noite, os três penedos iluminaram-se como sucedera na véspera, e as lindas moiras apareceram, todas luzentes de joias, chamando a pastorinha com sorrisos carinhosos. Ela foi direita ao penedo do meio, que por dentro comunicava com os outros dois, e uma portinha abriu-se, saindo a moira que o habitava.

— Toma, — disse ela entregando-lhe um fuso com maçaroca de prata — leva-a para casa e verás como a velha te trata bem. Chegarás lá num instante; basta tocar numa ovelha com esse fuso,

A pequena agradeceu muito à moira e ficou algum tempo ainda, admirando as coisas lindas e esplendidamente ricas. Tapetes tecidos com as mais harmoniosas cores cobriam aqui e ali o pavimento translúcido daquele palácio de fadas e das paredes pendiam vestidos vaporosos, bordados a pérolas e a brilhantes, que uma luz branquíssima fazia scintilar.

A pastorinha safu dali maravilhada, com pena de não poder demorar-se mais. Chegou à choupana da velha com a mesma prontidão da véspera e, tal como sucedera da primeira vez, teve uma boa ceia, graças à maçaroca das moiras.

Logo que amanheceu no dia seguinte, safu para o campo com as suas ovelhas e dirigiu-se aos penedos encantados. Não podia afastar-se daqueles sítios, na esperança de ver novamente as suas protectoras, mas enquanto durava a claridade do sol, as três grandes rochas conservavam o aspecto selvagem e tóxico de tantas outras que por ali havia, e a pequena chegava a convencer-se de que fora sonho tudo quanto lhe sucedera nas duas últimas noites.

Tão depressa começou, no entanto, a escurecer e ela a sentir-se assustada de se encontrar ali sôzinha, os penedos iluminaram-se de repente e as três moiras, reunidas naquele que se não abria ainda, apareceram tão lindas e bem vestidas como ainda as não vira a pequena.

Esta aproximou-se, toda contente, e as moiras abriram-lhe a porta para ela entrar.

— Minha filha, — disse aquela que ainda não falara — queres salvar-nos do nosso encanto?

— Isso queria eu, minha senhora — respondeu a pequena — mas como terei esse poder?

— Fazendo tudo quanto nós te dissermos, sem recear que te aconteça o menor mal.

— Farei tudo que me mandarem — prometeu a pequena — e nenhum medo terei das senhoras que são tão boas para mim.

— Bem, — tornou a moira — em paga dos teus serviços, havemos de te entregar a teu pai e ele saberá quem lhe roubou a sua filha.

A pastorinha ficou doida de alegria, mas ao mesmo tempo muito admirada por ver que as moiras sabiam mais da sua vida do que ela própria.

Muitas vezes perguntara à velha o que era feito do pai, e esta dizia-lhe que ele lhe entregara até voltar das suas viagens, mas isto já durava há tanto tempo que ela não podia acreditar em tais explicações. Duvidava sobretudo que por ordem d'ele, andasse assim vestida como uma pobrezinha e trabalhasse tão duramente para merecer a pão que lhe davam e que mais parecia uma esmola.

Cheia de esperança agora, perguntou ás moiras:

— Onde está o meu pai? Porque me entregaram áquela velha tão má?

As moiras, que por estarem encantadas, sabiam tudo quanto se passava no mundo, contaram então à sua protegida, a história da traição da madrasta e prometeram entre-

gá-la ao pai se ela seguisse à risca e com a maior confiança as ordens que lhe dessem.

A pequena tudo prometeu e a moira do terceiro penedo, disse:

— Nós somos três princesas moiras e ficámos aqui quando o grande príncipe, nosso pai foi expulso, com todo o seu povo, deste país. Um nosso parente muito velho e sábio encantou-nos por não ser possível fazer-nos fugir a tempo e entregou-nos a guarda destas riquezas. Prometeu-nos contudo a libertação, quando uma criança inocente e confiante viesse ter connosco e seguisse à risca as nossas indicações. Até hoje ainda nos não mostrámos a ninguém que não fugisse com terror, não só de nós como até deste vale e de qualquer ponto onde pudessem avistar-se os penedos que habitamos. Só tu te aproximaste sem receio e, como sabemos a triste história da tua vida queremos fazer-te de novo feliz, em paga da tua bondade e confiança. Aqui tens esta maçaroca de ouro, — continuou a princesa moira.

Entregá-la-hás à velha como as outras duas, mas, quando for meia-noite, sairás de casa sem que ela te oiça, virás aqui ter connosco e trarás as três maçarocas que te demos. Terás essa coragem?

— Terei, — respondeu a pequena, — farei tudo quanto possa para servir as minhas queridas senhoras e para ser entregue ao meu pai.

As moiras beijaram com muito carinho a pequena, que se apressou a recolher a casa com o seu rebanho.

Como sucedera das outras vezes, assim que tocou as ovelhas com o fuso, apareceu com elas à porta da choupana, mas era já tão tarde, que a velha estava muito zangada, receando que a pastora tivesse deixado perder o gado.

No entanto, apenas deu com os olhos na maravilhosa maçaroca, passou-lhe a zanga e deu à suposta neta uma boa ceia.

Assim que comeram a velha foi-se deitar, mandou a pequena fazer o mesmo, e era tanto o seu medo que lhe roubassem as maçarocas, que as pôs todas três debaixo do seu travesseiro.

A criança ficou aflita quando isto viu, porque recebeu não as poder tirar sem acordar a velha, mas, como era muito animosa, resolveu tentar tudo para cumprir as ordens das moiras.

Quando deu a meia-noite, ela foi devagarinho espreitar e, vendo a mulher adormecida, meteu a mão com muito jeito e tirou as maçarocas sem ser presentida.

Sem fazer o mais leve barulho, abriu a porta e, qual não foi o seu espanto, quando a maçaroca de ouro se transformou de repente numa cadeirinha luxuosa e as outras duas em dois pretinhos vestidos de seda encarnada bordada a prata!

A pequena, sem hesitar, sentou-se na cadeirinha que tinha lanternas acesas com vidros de côres, e os dois pretinhos levaram-na tão depressa e tão suavemente como se fossem voando.

Quando chegou aos penedos iluminados, a cadeirinha poitou no chão e tanto ela como os dois pretinhos desapareceram, ficando nas mãos da pequena as três maçarocas mágicas.

As moiras abriram a porta e levaram a sua protegida a um grande espelho para que ela visse que, em vez de trazer o fatinho sujo e rótico de burel, estava vestida e calçada como no tempo em que vivia feliz e rica em casa de seu pai.

A criança ficou muito contente, pois parecia-lhe que principiava já a cumprir-se a promessa das moiras.

Estas então fizeram-na deitar sobre um rico tapete onde se sentaram todas e cada uma pegou em sua maçaroca que imediatamente se transformou numa guitarra de marfim, prata e ouro.

As princesas começaram a tocar e a cantar uma toada muito triste e parecia à pequena que os penedos transparentes e luminosos se levantavam do chão e iam voando, voando, como ha pouco sucedera com a cadeirinha.

Durou isto muito tempo e a criança não sabia bem ao certo se sonhava ou se estava acordada, até que a música se calou, parou o andamento, balanceado do tapete em que se deitara e ela apareceu em casa e na presença de seu pai.

Este, pensando ainda que sonhava, correu para a filha e durante muito tempo só quiz abraçá-la e beijá-la sem pedir explicações.

Passados, porém, aqueles desabafos, fez mil perguntas à criança, às quais ela respondeu a verdade. As três princesas moiras, que presenciavam esta scena, confirmaram tudo, e o negociante nem sabia se mais agradecer-lhes o socorro.

prestado à filha, se mais indignar-se com o procedimento criminoso da mulher.

Na sua indignação, queria matá-la ou ao menos, mandá-la prender, mas a pequena, que era muito boazinha, pediu-lhe que lhe poupasse a vida e lhe deixasse a liberdade.

— Seja assim, — concedeu o pai, — mas nunca mais tua madrasta entrará nesta casa. Com efeito, tendo ela ido de visita a uma amiga, o marido não consentiu que ela regressasse no seu regresso.

O castigo da malvada foi ficar sem a filha a quem nunca mais viu, senão de longe em longe, e saber amimada e feliz a enteada, que tanto quisera prejudicar.

As três princesas moiras não partiram para a terra habi-

tada pela gente da sua raça, para elas país estrangeiro, visto terem morrido, havia tanto tempo, as pessoas da sua família.

Afeiçoaram-se de cada vez mais à criança a quem deviam a liberdade e dentro em pouco fizeram-se cristãs, casando todas com fidalgos muito ilustres e ricos.

As imensas riquezas delas trazidas para ali por artes mágicas, serviram não só para lhes tornar a vida mais feliz como também para socorrer os pobres, de quem eram caridosas protectoras.

Assim acabou de todo o encanto das moiras e recomeçou a vida alegre e desceidosa da pequena, em companhia de seu pai e da irmã.

F I M

(C O N T I N U A Ç Ã O d a n o v e l a O S C I G A N O S)

CAPITULO VI

DISPERSÃO DEFINITIVA DOS CIGANOS

Um dia em que a princesa passeava sózinha no jardim, pensando com saudade em seus pais que não tornara a ver, veio um criado dizer-lhe que dois ciganos, um homem e uma mulher estavam à porta e desejavam falar-lhe.

A princesa apressou-se a ir ter com eles, lembrando-se que fossem mensageiros da sua família e lhe trouxessem notícias. Quando chegou à porta, o homem pôs-se a tocar guitarra e a mulher a cantar assim:

Já lá vão muitas semanas,
Tua mãe, mãe das ciganas,
Anda no mundo a cantar,
Filha do meu coração,
Dá-me a tua protecção,
Deixa-me aqui descansar!

A princesa, que não reconhecera pela vista a mãe, por fazer já muito escuro, soube logo quem lhe falava apenas ouviu aquela voz e correu, a lançar-se-lhe nos braços, doída de alegria.

Abraçou também o pobre tocador de guitarra que era seu pai e a ambos perguntou porque razão andavam assim pelo mundo, sózinhos e miseráveis.

O rei contou então à filha como se realisara, com o casamento dela, a profecia cigana: Desde esse dia nunca mais houvera no país, um momento de paz e de tranquillidade.

O noivo rejeitado, ao descobrir a traição, ajuntara em volta de si, um forte partido com o fim de derrubar o soberano seu tio, a quem tornava responsável pela fuga da princesa e a quem, para aumentar o próprio prestígio, roubára o anel mágico, enquanto elle dormia. Igualmente se apoderaria do da rainha, se esta não acordasse a tempo de lh'o impedir; mas mesmo assim, de posse duma pequena parte da virtude do talisman, conseguiu que o aclamassem

rei e destronassem o tio, tanto mais facilmente quanto este, despojado do anel e considerado traidor pelo povo, não conseguia já impôr-se senão a um pequeno número de amigos fieis que o acompanharam durante algum tempo.

Pelo seu lado, o usurpador, não tendo conseguido obter a posse dos dois anéis, não adquirira, sobre o turbulento povo cigano, uma autoridade absoluta, e tudo era desordem e anarquia desde a fuga da princesa.

Temendo a morte, o rei e a rainha, destronados, fugiram da sua pátria disfarçados em músicos ambulantes, e outro tanto sucedera a numerosas famílias, que, não podendo impôr a autoridade do antigo chefe, tão pouco reconheciam a do sucessor.

A princesa mostrou-se muito desgostosa ao saber de tantas desgraças sucedidas por sua causa, mas seus pais consolaram-na, afirmando-lhe que não sentiam o menor desejo de conservar a sua alta posição, se para isso fôsse necessário sacrificar a felicidade da filha querida.

Vinham pedir-lhe o abrigo e a protecção do seu palácio e na sua companhia passariam muito felizes os anos que ainda lhes restassem de vida.

A princesa e o príncipe, seu marido, alojaram, perto de si, os soberanos destronados, rodeando-os de todos os carinhos de filhos e das atenções e honras devidas à sua alta categoria de pessoas reais.

No entretanto, o povo cigano, de novo espalhado pelo mundo, nunca mais teve pátria nem rei e, para vingar o rapto da sua princesa, em todos os tempos e em todos os países, se tornou o terror da gente, roubando-lhe crianças e tudo o mais que achasse ao seu alcance.

Conservou, através dos séculos, o segredo de muitas feitiçarias e o condão de adivinhar o futuro, mas nunca mais se reuniram em nação os andrajosos bandos que, ainda hoje, vagueiam pelo mundo, cantando a sua miséria e a fatalidade que ameaça a completa extinção da sua raça.

F I M

Biblioteca PIM-PAM-PUM

Tem obtido um grande

EXITO DE VENDA

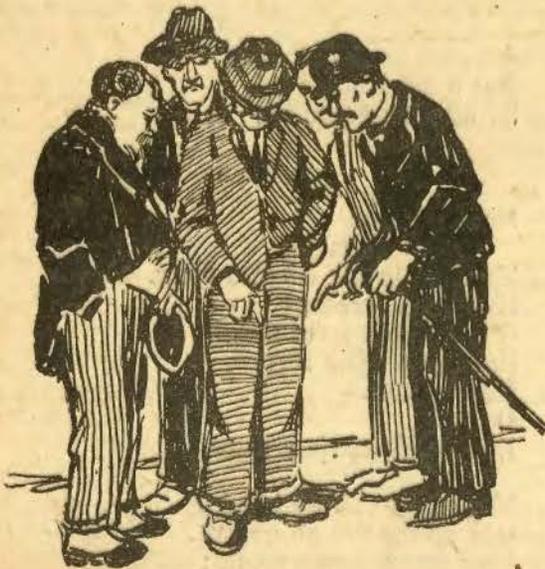
o VII volume

desta educativa e interessante
Biblioteca, intitulado

OS MEUS CONTOS

POR

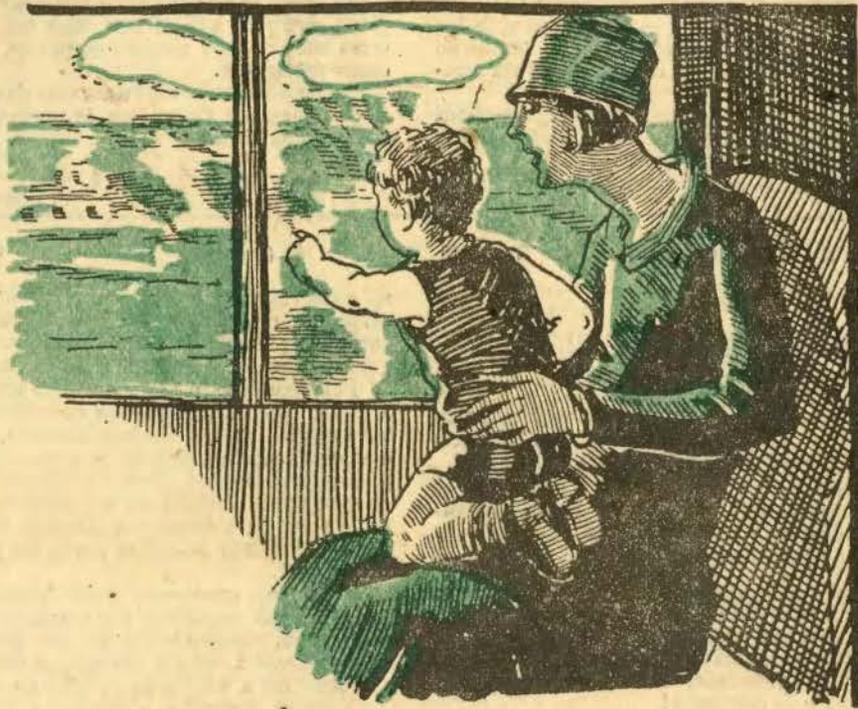
MARIA LEONOR LIMA BRANDES



MEUS
MENINOS;

Vejam se conseguem perceber o que estes catturas estão a procurar.

Bé
bé
à
ja
ne
la
de



um
c
o
m
b
o
i

por

AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenho de EDUARDO MALTA

CORRE a paisagem... corre, corre, vòa...
Ante um bébé de olhar vivo e frenético,
Na carruagem de um comboio eléctrico
Que vai desde Casçais até Lisboa.

— «Mamá, o que é aquilo, aquilo, aquilo,
Que além vai a voar,
Cortando o ar?!»

— «Um gasómetro, filho; é ali que o gás
Se vai depositar;
Mas aquilo não vòa, está tranquilo!»

— «Vòa, vòa, mamã; não vês voar?!»

— «Não vòa, filho; é o comboio andando
Que faz
Supôr que vai voando
Tudo que vendo estás!»

Porém insiste o Bébé,
Teima numa discussão:
— «Vòa, vòa, mamã; não vês, não vês?»

A mamã torna que não;
Mas o menino não crê,
Só acredita o que vê!

* * *

Meus meninos
muita vez
Também mente o nosso olhar.
E' preciso acreditar
O que a mamã vos disser;
Embora estejam a ver
Exactamente
O invez
Dó que ela esteja a dizer;

Não sejam como o bébé
Que apenas crê no que vê.
Uma mamã nunca mente;
O que ela diz é que é.